

Ressaca Literária

Ano 1, Nº 1. Junho, 2017



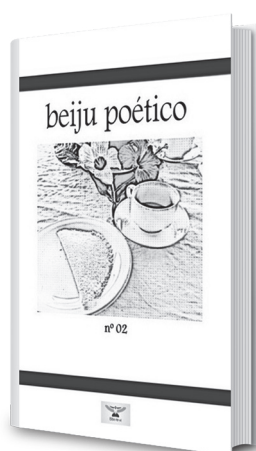
edições
bem-te-vi



SÉRIE PIZZA POÉTICA



SÉRIE BEIJU POÉTICO





EQUIPE EDITORIAL

DIREÇÃO GERAL:

Wellitania Oliveira

COORDENADOR DE REDAÇÃO:

Lucas dos Santos Costa

REDAÇÃO/TEXTOS/FOTOS:

Daniela da Silva Faria Vieira
Eduardo Alves de Souza
Elane Aparecida Medeiros Santos Milhomem
Euler Moura da Silva
João Ferreira Filho
Kamylla Rodrigues Milhomens
Raquel de Castro Pereira
Thallison Henrique de Souza Assunção

PREFIXO EDITORIAL: 922619

NÚMERO ISBN: 978-85-922619-2-4

DIAGRAMAÇÃO: Natan Fernandes

PROJETO GRÁFICO/CAPA: Wellitania Oliveira

REVISÃO: Plínio Sabino Sélis

IMPRESSÃO: Gráfica Real
Produção Independente

TIRAGEM: 50 exemplares

CONTATO: ressacaliterariagpi@gmail.com

WHATSAPP: (63)981361337

Rua F, quadra 30, lote 14 nº 90
Gurupi – TO – 77405-330



Para Início de Conversa

Ao contrário do sentido dado a um período no qual enfrentamos os males causados pela ausência de leitura, esta “Ressaca Literária” tem sentido inverso. Ressaca Literária - revista de poesia, prosa et cetera propõe uma onda de leitura, por meio da publicação de poemas, contos, crônicas, resenhas, artigos, entrevistas, fotografias, músicas e outras variedades.

Esta primeira “onda” conta com uma equipe de jovens amantes da literatura e das artes em geral. O objetivo dessa equipe é construir uma revista aberta e inovadora, aproximando a literatura de outras artes, tanto do ponto de vista textual como gráfico. Seu compromisso é estimular a leitura, o debate crítico e a revelação de novos talentos artístico-literários. Por isso, aposta no novo e na diversidade, sem bairrismos, rigidez ou divergências de gerações.

Neste primeiro número, traremos uma entrevista com a poetisa Zefinha Louça, um dos grandes nomes da literatura tocantinense.

Outro destaque é o perfil do professor José Carlos Freitas, filósofo e professor da UnirG, grande incentivador da análise filosófica de obras literárias.

Para refletir sobre literatura, leitura e sociedade, tem uma onda carregada de teoria e crítica literária, no texto do crítico Fábio Akcelrud Durão.

Há um espaço privilegiado para a poesia e a prosa, com a publicação de poemas de vários autores, de um conto e, também, a publicação do resumo científico, textos produzidos por jovens iniciantes do curso de Letras.

Desejamos a todos uma ótima leitura, e que a Ressaca dure vários números nesse mar de ondas literárias.

Wellitania Oliveira

SUMÁRIO

NO CAMINHO DA PROSA	05
ONDAS DE POESIA.....	07
TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA	14
ENTREVISTA	17
CURIOSIDADES LITERÁRIAS	21
ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO	24
PRODUÇÃO ACADÊMICA	29
OUTRAS ARTES	32
RESSACA DE LEITURA.....	36

NO CAMINHO DA PROSA

ROSAS EMOLDURADAS

Euler Moura

As costas da mulher se estendiam no chão.

-Então, o que houve aqui? - Perguntou o detetive, como se não fosse óbvio de que a resposta era “uma morte”. Mas na condição de seu assistente, não respondi nada. O chefe da polícia estava do lado de fora do prédio, e, então, éramos apenas eu, meu chefe, e a falecida. Comecei a fazer anotações no meu bloquinho: “03 de Fevereiro de 1984”. Aquele era um ano muito tranquilo. O apartamento da vítima era localizado na parte nobre da cidade, e amplamente mobiliado.

-Ela morreu – eu respondi. Ele olhou para mim, com um típico ar de superior, como sempre fazia, em resposta as minhas tentativas de tentar bancar o engraçado.

Ele se debruçou sobre o corpo. Ela tinha um cabelo ruivo, e usava um vestido vermelho. Tinha uma pele muito branca, e usava um batom vermelho-fogo. Era uma mulher elegante, mas ele não iria notar isso. Nunca notava um fato óbvio.

Meu colega de trabalho – meu chefe, na verdade – virou a mulher de bruços. EU só percebi isso depois que parei de fazer minhas anotações, quando levantei os olhos do bloco de notas, e olhei o que ele tinha nas mãos. Debaixo da mulher, havia uma rosa amassada pelo peso do corpo. Aquela visão me arrepiou até a alma. Ele olhou para mim. Não duvido que ele tenha descoberto do que se tratava desde o momento em que entramos naquele maldito lugar.

O Assassino das Rosas tinha feito outra vítima.

- Com essa, são seis. Bom, isso nos poupa do trabalho de descobrir como ela morreu – ele disse. Ela morreu, como todas as outras vítimas do assassino: envenenamento por cianureto. Ele continuou a analisar o corpo, e eu parei de me importar, porque já tinha perdido muitas horas de sono pensando naquele monstro, embora, de certa forma, eu sentisse que lhe devesse ser grato, afinal, se não houvesse mortes, eu não teria aquele emprego.

O detetive pediu para que a polícia entrasse e levasse o corpo. Fiquei feliz por me livrar da presença da mulher. Mas, quem imaginaria que aquele pequeno pedaço de papel que caiu do bolso do vestido dela, revelaria ser o desfecho daquele mistério horrendo?

- Eu acho que ele nunca deixou uma carta – eu disse. Peguei o papel, e com dedos-de-veludo, abri-o. Lá dentro, havia um pequeno poema, escrito em quatro versos.

“E havia os que gostavam muito...”

Eles levaram a mulher para fora. Meu amigo – se é que posso chamá-lo assim – impediu, pedindo para dar uma última olhada. Algo bem típico dele, também. A mulher continuava lá, com aquela expressão. Por um instante, achei ter visto um meio-sorriso no rosto dela.

“... Havia quem estivesse triste e ficasse alegre...”

A família esperava do lado de fora. Pude ver as reações deles quando viram o corpo. Eu sempre me compadecia dos familiares das vítimas, apesar de ter que ouvir comentários do tipo “Ela está em um lugar melhor agora”. Não acredito nessas coisas.

“... Havia os que ficavam surpresos...”

Olhei novamente para meu colega. Estava com um olhar distante. Segui seu olhar, que me levou até um rapaz de boa aparência, em uma bicicleta, sorrindo.

- Aquele não é o florista da Rua 48? - Ele perguntou.

“E havia até os que iam até ele buscar mais rosas!”

No dia seguinte, meu amigo e eu estampávamos as folhas do jornal. Ele, já tinha certo renome diante a população, e isso simplesmente o imortalizou, em minha opinião. A prisão do Assassino das Rosas, sua confissão, e a descoberta de que era aquele rapaz franzino que trabalhava na floricultura da Rua 48. Quando o pobre rapaz se apaixonava por alguma moça, isso sempre lhes custava a vida.

Anos depois, aquele sorriso maníaco me perseguia em noites de insônia. Não costumava pensar nele com frequência, mas ele sempre me voltava aos pensamentos, quando ia visitar a casa de meu estimado amigo e via, em sua sala de estar, aquelas seis rosas emolduradas na parede.

ONDAS DE POESIA*Lucas Costa*

Fonte da imagem: <http://www.floripasurfreport.com.br>

NUMA ONDA DE POESIA.

Em meio aos finos grãos de areia, ávido.
Uma concha coloco em meu ouvido
ouço chiado...

Som de águas turbulentas:
Shuá...Shuá....

Destes mares com marés
Olho, vejo a ressaca, sussurrando: aguenta,
bravas ondas vêm a frente!

Vem em mim, em mim afasta
os maus ventos, a nefasta.

Ressaca: Movimento de recuo das ondas.
Nefasta: Coisa ruim; desgraça.

EM SUA DIREÇÃO

Se...
Se o...
Se o mundo...
Se o mundo girasse...

Se o mundo girasse em...
Se o mundo girasse em sua...
Se o mundo girasse em sua direção.
Eu te encontraria?
Ou encontrar-te-ei?

- Magna Maria Ferreira-

PALAVRAS LÁ HAVIA



Fértil. Palavras enclausuradas,
reviradas, embromadas
Mente vaga em: imaginação,
máximas, conceitos, intenção...

Entre o tudo e o nada:
O vazio e o cheio.
Palavras reversas transtornadas,
imaginação em recreio.

Sobre o nada e o tudo:
célebres, bem reputadas, refúgios,
esperantes, adágios,
máximas de um estudo.

É ou não é, ao aludir.
Isso ou isto, visto.
Repetir. Decorebas sem remir.
Conceitos bem falados, renovados.

Entre simbolismos, letras, fantasia...
Sem ou com intenção,
Palavras lá havia.

-Lucas Costa-

DES-MÁSCARA



Imagem: <http://o-takeofftheface-projectoap.blogspot.com.br>

Se o que predicas, não práticas
Se no que fazes, não há gana
Se no que crês, há dúvida
Vives tu?

-Lucas Costa-

PALAVRAS QUE ME FALTAM

O clima descontraído
deu lugar ao pensar.
Escrever uma poesia sem saber
por onde começar.
Canetas e papéis à mão
coração acelerado
isso rima ou não?

Logo vem à cabeça o que faltava
Sorrisos tomam os rostos
Era essa a palavra
Que eu não encontrava.

-Thallison Assumpção-

SEGREDOS

Os segredos mais profundos
do nosso ser,
são guardados intensamente
para ninguém saber.
Segredos esses que machucam
o coração,
e que podem ser cantados
em forma de canção.
Talvez meu sonho seja
jogá-los ao mar,
e esses segredos nunca
mais encontrar.
E talvez não seriam
mais segredos,
se em alguma praia
alguém os achar.

-Eduardo Alves-

MINHA RAZÃO

Nesta noite de beiju poético,
poemas lindos, ilusões,
estamos todos reunidos
com grande inspiração,
resolvi prestigiar minha mãe.
Mãe, cujo nome é pequeno
porém causa fortes emoção
Mãe é a minha razão.
A mulher mais importante
do meu coração.
A minha mãe é perfeita.
Você pode dizer que
a perfeição não existe,
Mas meu amigo,
ela consegue ser perfeita
por ter defeitos.
Sinto orgulho é ser filha da Andreлина,
uma pura adrenalina!

-Raquel Castro-

AMOR

Quanto vale um olhar,
um sorriso sincero,
beijo quente,
um casal eloquente
em uma noite de luar?
Lua cheia,
pés entrelaçados,
uma louca paixão.
Corações batendo
em um só corpo,
vento frio e vagalumes
a bailar.
No céu estrelas iluminam
um amor perfeito, sem medo,
sem regras, avassalador,

que os dominam.

-Elane Milhomem-

VIDA

A vida é longa demais!
A vida é curta demais!
Mas é suficiente?
Suficiente?
Sofrida?
Entendida?
Viver é sofrer!
Amar é viver!
Viver é suficiente
com uma alma inocente.
Sentimentos aflorados
Impossível de compreender.

-Elane Milhomem-

PEREGRINOS E POETAS

Lembro e vejo a nós mesmos aqui
como pássaros, projéteis
que transformam em movimento
o que tão bem guardamos.
Estrelas correndo e voando
abaixo de qualquer radar
nós nos passamos por espectros, talvez?
Abaixo de torres altas e trifurcadas.
Porém, como todos nós, peregrinos
sabemos, talvez nem lembremos
que olhamos por nós de um jeito.
Cada um ao seu jeito
pois não há espaço para julgamentos aqui.
Sério, não tem espaço!
Nossos corações, mentes
almas e olhos se encontram assim:
cheios dos nossos...
Simplicidade.

-Euler Moura-

CONSPIRAÇÃO

Escrever é conspirar com os pensamentos
para dilacerar a angústia
e expurgar os temores.
É oportunizar a alma fatigada
um suspiro leve de esperança.

É expor em metáforas de contemplação
a indignação pelas mazelas sociais.
É anistiar as almas humana do medo
com audácia, piedade e fantasia.

É amar a palavra e libertá-la do cárcere
com as cores que (re)nascem as borboletas
com a alegria com que elas se libertam.
Mas que sejam ávidas e inquietas criaturas
como pontas de espinhos protegendo a flor
e não descansem tal qual lesma em seu caracol.

Escrever é um ato de coragem
É o despertar de coisas adormecidas
Num momento de criação silenciosa.
Sobretudo, escrever é corrigir a vida.

Wellitania Oliveira - in Introversos, 2014.

FILHO

O amor mais puro e sincero
Que faz o coração acelerar
E transbordar de felicidade.

O amor que move montanhas
E faz a vida feliz e bonita
Presente de Deus para a mulher.

Quem tem um filho
Tem tudo e mais um pouco
Um sentimento para a vida toda.

-Kamylla Rodrigues-

TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA

POR UMA LITERATURA HUMANIZADA

Por Wellitania Oliveira

Classificada como a “arte da palavra escrita” e caracterizada por sua plurissignificação, a literatura é instrumento de comunicação e interação capaz de sensibilizar, divertir ou conscientizar o homem sobre si mesmo, além de despertar a sociedade para a percepção das mazelas que nela estão inseridas. Também pode transportar o leitor a mundos imaginários, suscitando prazer aos sentidos e provocando a sensibilidade artístico-literária, como diz Antunes: “a leitura de textos literários possibilita o contato com o prazer estético da criação artística, com a beleza gratuita da ficção, da fantasia e do sonho” (2009, p. 200).

A literatura oportuniza uma experiência ímpar e inimaginável; favorece um mergulho mais profundo no convívio com outras pessoas; leva-nos a interpretar a sociedade em sua diversidade; faz-nos compreender as semelhanças e diferenças entre os indivíduos. A literatura é um ingrediente humanizador do indivíduo, como disse Antonio Candido (2011).

Sem dúvida nenhuma, a literatura humaniza as pessoas, e só compreendemos isso quando nos dispomos a ler obras literárias. Por isso, insisto no ensino da literatura, pois acredito que, atualmente, formar leitores, especificamente leitores literários, é um grande desafio para os professores da área, apesar de ter subsídios suficientes para isso.

Ressalte-se que, gostar de literatura não é algo espontâneo, ou que alguém nasça com tal vocação. É preciso haver estímulo para adentrar nesse universo ficcional, estímulo este que só poderá ser dado por alguém que goze da experiência e da convivência com a arte literária, alguém que se sinta íntimo dela. Sabemos, no entanto, que gostar de ler literatura demanda esforço, é uma competência que exige o desenvolvimento de várias habilidades voltadas ao acúmulo de saberes. Sabemos também que, por muito tempo, no Brasil, a falta de estímulo à leitura tornou-se uma questão cultural, mas que, atualmente, tem sido motivo de reflexão e de criação de projetos voltados para a prática e transformação dessa realidade, tanto nas instituições de ensino, como fora delas.

O fato é que nunca houve no Brasil tanta preocupação com a leitura de obras literárias, tantas atividades literárias e tantas publicações, o que parece contraditório, ao observarmos o fechamento de tantos cursos de Letras, os quais se caracterizam por formar profissionais que fomentam a leitura, principalmente a leitura de obras literárias.

E, por falar em profissionais de Letras, é importante salientar que quem opta por prestar o vestibular para o curso de Letras porque gosta de literatura, comumente é alguém estimulado por um desejo isolado; alguém que tem afinidade com a leitura e busca expressar-se através da escrita de

poemas ou de narrativas, não porque tenha sido influenciado pela experiência ou convivência com profissionais e/ou instituições literárias.

Em geral, os ingressantes nos cursos de Letras, atualmente, têm outras motivações para fazer o curso, podemos citar como exemplos: o baixo valor dos cursos e a baixa concorrência. Como eu disse antes, gostar de literatura não é algo espontâneo, é preciso haver estímulo, até para manter esses ingressantes no caminho das Letras.

Outro ponto que quero chamar atenção, aqui, é para o fato da formação literária do indivíduo ocorrer tardiamente, só quando este entra para a universidade e opta pelo curso de Letras, uma vez que é só em Letras que se constrói uma bagagem literária no indivíduo. Porém, é necessário ressaltar que essa construção ocorre dentro de um contexto institucional, de obrigatoriedade disciplinar, definida pela avaliação, o que subjuga o processo de construção da bagagem literária ao processo de objetivos específicos, dando a entender que a bagagem literária é pertencente ao professor e não aos estudantes. Assim sendo, há um desvio de concepção que precisa ser analisado e modificado, para o bem do acadêmico e da sociedade, que necessita de profissionais bem formados e humanizados, pois como disse no início, a literatura humaniza.

Para a formação da bagagem literária de um indivíduo, o único gasto é o da compra de livros. Mas, infelizmente, não há verbas institucionais para tal formação, como não existe no Brasil uma política voltada para o fortalecimento das bibliotecas universitárias. Os pesquisadores de literatura se quiserem levar a sério a construção da bagagem lite-

rária terão que elaborar projetos para aquisição de recursos didáticos. Porém, o mais complicado é adquirir recursos para eventos fora das instituições. Turismo intelectual? Nem pensar!

No entanto, entendemos que é através da literatura (arte que traduz as múltiplas dimensões do conhecimento) que pode ocorrer a formação intelectual do indivíduo, mais especificamente do profissional de Letras em formação, conduzindo-o ao progresso da competência leitora.

Neste sentido, vale a pena criar momentos de leitura e produção de textos literários, promovendo a elaboração do pensamento crítico em conversas espontâneas, entre alunos e professores humanizados pela literatura.

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Ouro sobre Azul/ Duas cidades, 2004. p. 169-191.

ENTREVISTA

**UM BATE-PAPO LITERÁRIO COM A ESCRITORA ZEFINHA LOUÇA,
A PRIMEIRA DAMA DA LITERATURA TOCANTINENSE**

Por: Eduardo Alves e Raquel Castro



Na tarde ensolarada de maio (26), visitamos a escritora Zefinha Louça em sua casa. Num bate-papo agradável e descontraído, Zefinha nos falou um pouco de sua vida e de sua produção literária.

Josefa Louça da Trindade (Zefinha Louça) nasceu no município de Dianópolis, TO, no dia 07/02/1928. É formada em Estudos Sociais pela UFG, em pedagogia pela UNIRG e Pós Graduada em Língua Portuguesa pela ASOEC de São Gonçalo RJ. Pertence a Academia de Letras do Estado do Tocantins (ALET), é associada a UBE-GO, é membro correspondente da AFLAG. A escritora, tem os seguintes livros publicados: Fatos em Versos, Momentos Poéti-

cos, Matizes (poesias), Turiscultura-Viagens pelo Brasil (crônicas), Os Prathes (romance) e Álbum de Viagens (relatos de viagens).

Zefinha Louça, também exerceu atividades na área da educação. Ela nos conta a sua experiência e, com algumas interrupções, para acariciar a barriga de Raquel Castro, vai no mostrando sua filosofia de vida. Vejamos parte desta conversa prazerosa.

Ressaca: Com quantos anos a senhora se despertou para o mundo da literatura?

Z.L.: “Aos 10 anos de idade, meu pai era poeta”.

“E ele me alfabetizou aos seis anos de

idade, aos seis anos.”

“Ele declamava para mim”.

Ressaca: Quando foi escrito o seu primeiro poema?

Z.L.: “Ah, foi muito cedo, acho que aos oito anos”.

“Eu falo dele, de minha mãe, eu falo do meu mundo que eu vivia”.

Ressaca: O primeiro livro, quando foi lançado?

Z.L.: “O primeiro livro foi lançado... francamente! Foi lançado em Palmas!”

Ressaca: Dentre a sua obra, qual foi o primeiro livro a ser lançado?

Z.L.: “Fato em Versos, meu primeiro livro, e depois veio Momentos Poéticos”.

“Então, no livro Fatos em Versos eu transformo em versos os fatos acontecidos. Depois veio Matizes”

Ressaca: Poderia recitar uma de suas poesias, uma que representa algo para a senhora?

Z.L.: “Vim dele, dentro dela fui formada, nasci, cresci, a eles agradeço o que sou”.

Z.L.: “De quem eu falo?”

Ressaca: De seus pais.

Ressaca: Dentre suas obras, com qual a senhora se identifica mais?

Z.L.: “Turiscultura. Gostei muito de fazer este livro. Foi até indicado para vestibular.”

Ressaca: Enquanto educadora, como a senhora descreve sua experiência?

Z.L.: “Eu fui professora e delegada de educação, que hoje dia chamam de Diretora”.

“Mas fui professora, primeira professora dos meus irmãos mais novos, orientada por meu pai e minha mãe. Meus irmãos frequentavam a escola municipal, quando chegavam em casa eu dava aula de reforço, foi daí que compenetrei como professora”.

“Uma menina ensinando...” (risos)

“Os vizinhos mandavam seus filhos para minha aula de reforço...”

Ressaca: Onde foi isso?

Z.L.: “Missões, Missões é um povoado, distrito de Dianópolis. Meu pai tinha uma fazenda lá chamada Água franca”

“A maior casa de Missões era nossa, tinha uma sala grande... Lá era minha sala de aula.”

Ressaca: Com quantos anos começou a dar aula?

Z.L.: “Eu era menina (risos)... Comecei sendo professora dos meus irmãos e depois dos vizinhos, e eles aprendiam mesmo” (risos)

“Eu tinha um jeito, já nasci com o dom de ser professora, meus alunos gostavam de mim”

“Mas eu ensinava pra eles, que as pessoas devem ser cuidadas com carinho”.

“Palmatória? Na época usavam palmatória, mas eu não usava palmatória... “Vocês não precisam apanhar, vocês são inteligentes... Conversando, mostrando o que deve e o que não deve fazer. E explicava as consequências dos erros. Nós sofremos as consequências do nossos erros.”

“O homem é o que ele pensa ser, se ele

pensa bonito, ele age bonito, se ele pensa feio, ele age feio”.

Ressaca: Na sua opinião, os profissionais de hoje estão preparados para assumir esse papel?

Z.L.: “Não sei, neste espaço eu não posso entrar, eu sai...”

Ressaca: O que a senhora tem a dizer a nós, futuros profissionais das Letras e amantes da Língua Portuguesa e da Literatura?

Z.L.: “É um privilégio falar a nossa língua corretamente, e ao assumir a sala de aula é uma responsabilidade para educar e ensinar a falar corretamente, evite adágios, evite palavrões.

“A língua portuguesa é muito bonita!”

Z.L.: “A criança que está crescendo, ela é muito inteligente ou ela descamba para o bem ou para o mal, então depende da escola, depende do lar que ela nasceu, que ela vive.” (Zefinha Louça)



Obras publicadas por Zefinha Louça: Imagem: Arquivo pessoal - Eduardo Alves

Voo ALTO

Pelas curvas o tempo
Num esforço intenso
Meus olhos vagueiam
Buscando antíteses
e metáforas

Para um voo mais alto
Fora e dentro de mim.
Quero caminhar outros

Caminhos, cantar novas
Canções, antes que a
noite venha

E me leve de vez a voz.

-Zefinha Louça-

RISOS E RUGAS

Uma parte de mim é feita
De lembranças
A outra vive no espelho
Dos sonhos plásticos que me
Suavizam as rugas do rosto
Marcas dos anos vividos.

Na certeza
De continuar sorrindo
O resto do tempo
Que inda me resta pra viver,
Não obstante
Os olhos baços
E as mãos trêmulas,
De frente erguida vou levando
A vida até que em passos leves
Chegarei tranquilamente
A outras galáxias.

-Zefinha Louça-

CURIOSIDADES LITERÁRIAS

Eduardo Alves e Racquel Castro



A poetisa **Cora Coralina** é considerada por estudiosos e especialistas em sua obra como uma mulher forte e libertária. Embora não tenha incorporado o discurso feminista, a forma como ela se impôs na sociedade machista e conservadora em que vivia fez com que também pudesse ser estudada sob a perspectiva de gênero. (Andreia Verdélio – Agência Brasil)

Imagem: Central do Autor - 242 × 208

O poeta português **Fernando Pessoa** foi criado na África do Sul e teve o inglês como a sua segunda língua. Das quatro obras que publicou em vida, três são na língua inglesa.

Imagem: Portefólio - 250 × 307



Guimarães Rosa, famoso escritor brasileiro, morreu três dias depois da sua posse na Academia Brasileira de Letras.

Imagem: Templo Cultural Delfos - 389 × 567



A caligrafia do escritor **Machado de Assis** era tão ruim que, às vezes, até ele tinha dificuldade de entender o que escrevia.

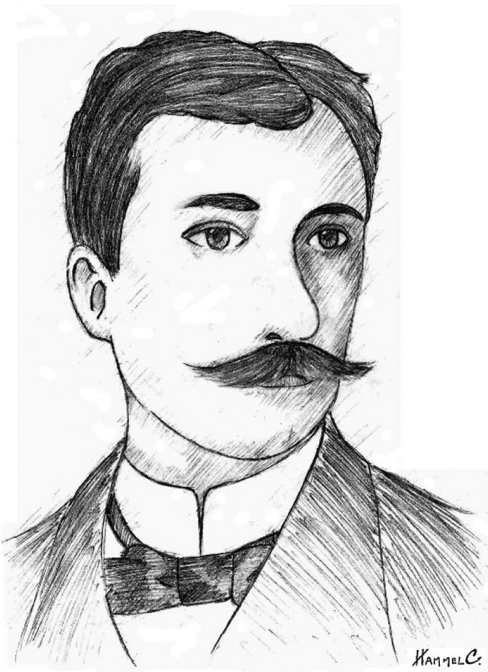
Nosso grande escritor, superou as barreiras sociais e físicas. Machado teve uma infância sofrida pela pobreza e ainda era míope, gago e sofria de epilepsia. Enquanto escrevia *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado foi acometido por uma de suas piores crises intestinais, com complicações para sua frágil visão. Os médicos recomendaram três meses de descanso em Petrópolis. Sem poder ler nem redigir, ditou grande parte do romance para a esposa, Carolina.

Imagem: André Brown - 908 × 1600

Aos dezessete anos, **Carlos Drummond de Andrade** foi expulso do Colégio Anchieta, em Nova Friburgo (RJ), depois de um desentendimento com o professor de português. Imitava com perfeição a assinatura dos outros. Falsificou a do chefe durante anos para lhe poupar trabalho. Ninguém notou. Tinha a mania de picotar papel e tecidos. “Se não fizer isso, saio matando gente pela rua”. Estraçalhou uma camisa nova em folha do neto. “Experimentei, ficou apertada, achei que tinha comprado o número errado. Mas não se impressione amanhã lhe dou outra igualzinha.”

Imagem: Behance - 596 × 842





Aluísio de Azevedo tinha o hábito de, antes de escrever seus romances, desenhar e pintar, sobre papelão, as personagens principais mantendo-as em sua mesa de trabalho, enquanto escrevia.

Imagem: Hammel C. – 1138 x 1600

Numa das viagens a Portugal, **Cecília Meireles** marcou um encontro com o poeta Fernando Pessoa no café A Brasileira, em Lisboa. Sentou-se ao meio-dia e esperou em vão até as duas horas da tarde. Decepcionada, voltou para o hotel, onde recebeu um livro autografado pelo autor lusitano. Junto com o exemplar, a explicação para o “furo”: Fernando Pessoa tinha lido seu horóscopo pela manhã e concluído que não era um bom dia para o encontro.

Imagem: Templo Cultural Delfos - 945 x 1600



Clarice Lispector era solitária e tinha crises de insônia. Ligava para os amigos e dizia coisas perturbadoras. Imprevisível, era comum ser convidada para jantar e ir embora antes de a comida ser servida.

Imagem: Arte e Poesia 600 x 602

ESPAÇO ACADÊMICO AUTOBIOGRÁFICO

João Ferreira e Kamylla Milhomens

A biografia apresenta a visão linear da vida de alguém, articulação cronológica dos fatos e o olhar voltado para o passado. Já a autobiografia a pessoa apresenta o relato sobre si mesma, por isso, a escrita é feita em tom de confissão, justificativa ou criação de um novo sentido, o que é comum quando alguém escreve sobre si mesmo, pois entre o passado e o presente do relator, existe uma diferença temporal, por isso, o olhar voltado para o passado.

Este espaço está reservado ao professor, amante da arte literária, com intuito de apresentar sua trajetória de vida, revelar detalhes sobre si mesmo e sobre sua vida acadêmica; confessar as suas conquistas e os fatores que foram determinantes para seu crescimento pessoal e profissional.

Para abertura deste espaço, convidamos José Carlos Freitas, filósofo, mestre em literatura e professor do Centro Universitário Unirg.

MINHA HISTÓRIA, MINHA LUTA?

Por José Carlos de Freitas



Imagem 1: meu primeiro retrato aos cinco anos

Nasci no ano de 1965, numa cidadezinha do Paraná chamada Salto do Itararé. Na época, cerca de dois mil habitantes ou nem isso. Não era um município, mas um distrito de outra cidade chamada Siqueira Campos, nome que substituiu Colônia Mineira. Nome sintomático, pois a região norte pioneira paranaense fora colonizada por migrantes do sul de Minas Gerais. Roceiros em busca de terra, pequenos sitiantes dedicados ao que chamamos hoje de agricultura familiar. Como muitos, nasci na roça, numa casa de taipa, coberta por sapé.

Éramos uma família de pai e mãe com cinco filhos: três meninos e duas meninas. Eu sou o segundo filho mais velho. Naquele tempo crianças trabalhavam cedo e eu comecei aos cinco anos no trabalho de enxada. Meu pai, José, era lavrador sem terra que cultivava roça no sistema à meia, isto é, pedia terra emprestada, plantava no acordo de dar ao dono a metade do que colhesse. Plantava-se arroz, feijão e milho sobretudo. Lavoura de tempo curto, impermanente, para o caso do dono requerer sua terra. O mesmo não se dava com o café. Trabalhar na roça, desde pequeno, foi este o meu primeiro entendimento do que

significava serviço.

Não tínhamos também uma casa que fosse nossa. Minha mãe, Ozélia, era professora de primário de zona rural. Tinha estudado até à sexta série ginasial. Para aqueles tempos e lugares, minha mãe era uma autoridade natural. Assim, foi requisitada como professora das primeiras séries. Alfabetizou muita gente. Inclusive a mim. Por ser professora de roça, responsável pela escola, éramos obrigados a morar junto da própria escola. Na verdade, por não termos casa, terminávamos a habitar um dos cômodos da escola. Morávamos na escola. Lugar onde todo mundo chegava, onde todo mundo parava e proseava. Lugar de reuniões, de vacinações, de dentistas atendendo em época de eleição. Assim, a escola e minha mãe professora foram determinantes para que eu seguisse nesta vontade que transformou em professor já por quase trinta anos.



Imagem 2: Escola onde concluí o Primário

Moramos, do que me recorde, em três lugares: Bairro Furtoso, Bairro Guabiroba e Santa Cruz do Lajeado (mais conhecido por Arroz Doce). Foi neste último que comecei e concluí o primário. Primário são as quatro séries iniciais da escolaridade. Era o máximo de estudo que a maioria os meninos podia ter. Praticamente aprendia-se a ler e contar. Depois, cada um seguia como roceiro. As cidades ainda não eram a única opção de vida das pessoas.

Junto da escola, havia uma capela, uma venda e um campo de futebol, o que correspondia ao centro do bairro, confluência dos domingos e dias santos de guarda. Meus pais também respondiam pelas atividades da capela, na ausência do padre que ali vinha, uma vez por mês, rezar missa, batizar crianças e confessar os pecadores. Estudo, trabalho, futebol e reza eram toda a vivência cultural que tínhamos. Assim, terminado o primário, influenciado pelo padre que ali vinha, decidi, aos onze anos, ir para um colégio religioso que formava padres. Seria um padre católico. E isto ocorreu com aprovação de meus pais. Fui

para um colégio que ficava na cidade de Jacarezinho, também no Paraná, um tanto distante de casa. Um colégio que só permitia voltar para casa em Julho e em Dezembro. Assim, fui dos filhos que, logo cedo, se apartou da família para poder estudar.



Imagem 3: Capela do Bairro Arroz Doce

Neste colégio, chamado Colégio Nossa Senhora da Assunção, passei sete anos. Fiz lá as quatro séries do Ginásio e as três séries do Segundo Grau, um curso técnico de Tradutor e Intérprete. Na verdade, uma preparação para o sacerdócio que nos obrigava a estudos de Latim, Grego, Francês, Inglês, Português e respectivas literaturas, além das matérias exatas e da natureza. Éramos mantidos num disciplinamento de estudos e leituras. Devo a esta época meu gosto pela Literatura. Vivi neste Colégio dos doze aos dezoito anos. Foi aí também, em meio a uma centena de meninos e rapazes, que experimentei afetos dirigidos a outros meninos. Foi aí também que, de uma certa forma, fui vítima do que classificam hoje como pedofilia.



Imagem 4: turma da 6ª série do ginásio, 1978.

Cumpridos estes sete anos, era hora de ingressar no Ensino Superior. Primeiro, de Filosofia. Depois, de Teologia. Mais sete anos e então, mais ou menos aos vinte e cinco anos, estaria formado e ordenado padre. Esta duas faculdades eram oferecidas em outro estabelecimento, chamado de Seminário Maior Divino Mestre. Ficava na mesma cidade. Ali, permaneci por mais cinco anos. Fiz Filosofia

e metade da Teologia. Fui impedido de continuar, em vista de razões homoafetivas que vieram a público. Eu nutria afetos por um colega de estudos e, em vista da impossibilidade e das contradições que isso me gerava, isso me levou a comportamento depressivo e, conseqüentemente, notório. Fui assim expulso da vocação religiosa. Era o ano de 1988. Eu tinha vinte e quatro anos quase.

Saído de lá, precisava arrumar um emprego e não me via fazendo outra coisa que não fosse o ensino. Isto pelo gosto dos livros e da Literatura. Meus pais tinham se mudado do Paraná para o Estado de São Paulo. Tentei encontrar emprego nas escolas da cidade de meus pais. Mas terminei indo para o Mato Grosso, um Estado que carecia de professores formados em Curso Superior. No início de 1989, embarquei só com o dinheiro de ida para o Mato Grosso e fiquei por dez dias na cidade de Barra do Garças. Ali, fui procurado pela Prefeitura do município de General Carneiro, cidade vizinha, para dirigir uma escola na Vila Paredão Grande. Minha tarefa seria implantar ali as séries do Primeiro Grau (5ª a 8ª séries). Aceitei o trabalho. Morei nesta vila por seis anos. Ali encontrei uma companheira, também professora, com quem me casei e com quem vivo há vinte e sete anos. Tivemos três filhos, dois deles vivos. Ali, não só implantamos o Primeiro Grau, mas deixamos aos moradores o Segundo Grau (Ensino Médio) com que pudessem formar seus filhos. Esta escola foi a mais importante e a mais feliz experiência educacional e docente de minha vida.



Imagem 5: minha primeira turma de alunos, 1989.

Depois destes seis anos iniciais, mudei-me com a família para a sede do município, prestando serviço ao Colégio Estadual da cidade, onde cheguei a ser também diretor. Ali trabalhei por quatro anos, me transferindo para a cidade de Primavera do Leste, onde fiz concursos públicos para o ensino de História.

Em 2002, recebi o convite para vir para o Tocantins para lecionar Filosofia na Unitins, em Araguaína. Aceitei, sem saber

que, menos de um ano, ela seria substituída pela UFT. Restou-me, depois de um ano de Tocantins, desempregado como estava, buscar uma formação no Mestrado. Assim, fui para o Rio de Janeiro, onde estudei Mestrado em Letras, especializando-me em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura. Concluí o Mestrado em 2005. Retornei ao Tocantins, desta vez como Professor Substituto de Literatura e Filosofia na UFT de Araguaína. Trabalhei no ITPAC e compus o primeiro corpo docente da Faculdade Católica de Araguaína.

Em 2006, houve o concurso da UnirG, no qual consegui aprovação e efetivação para o ensino de Filosofia. E estou nesta instituição faz dez anos. Aqui, lecionei em diversos cursos: Pedagogia, Letras, Medicina, Psicologia, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Direito, Engenharia, Ciências Contábeis e Administração. Desenvolvo há oito anos o Projeto de Extensão FILOSOFIA e CINEMA, com seis encontros por semestre, compondo etapas temáticas atuais. Desenvolvi também o Projeto FILOSOFIA e LITERATURA que durou três anos e meio. Fiz e faço parte do Conselho Acadêmico Superior, órgão maior de decisões do Centro Universitário UnirG.



Imagem 6: Momento do FILOSOFIA e CINEMA

Em minha trajetória de docente, busco não me furtar às lutas sociais e, por isto, me sindicalizei, sendo inclusive eleito como presidente da APUGSSind - Associação dos Professores Universitários de Gurupi. Acredito na militância como única forma de conquistas de direitos fundamentais. Atualmente, entre minhas militâncias, incluo a causa dos pobres, dos sem-terra, dos menores de rua, da comunidade LGBT, tanto para promover estudos filosóficos a respeito como para promover o respeito pelas diferenças e pela diversidade. Ser professor é uma responsabilidade grandiosa que requer de mim quase todo o tempo da vida que divido entre preparar aulas e estudo. Fiz da Filosofia e da Literatura meu foco de pesquisa. E espero algum dia estar minimamente preparado para esta função. Por enquanto, penso que o leite que tomei de minha mãe deu cor ao giz que me ensinou o beabá e que o pouco de ensino que dou a meus alunos talvez me faça digno da profissão que ela exerceu muito melhor que eu.

PRODUÇÃO ACADÊMICA

No curso de Letras do Centro Universitário UnirG, é realizado, todo semestre, o projeto Interdisciplinar, no qual os acadêmicos realizam trabalhos de análise de livros, ao concernir mais de uma disciplina. São juntados aspectos e visões dispostas pelas ciências como: Linguística, Literatura, Língua Portuguesa, Língua Inglesa... Sendo assim, feita uma relação entre as disciplinas. No primeiro bimestre de cada semestre, é elaborado o texto escrito e no segundo bimestre é realizada a apresentação oral.

Foi estipulado aos discentes do primeiro período, que fizessem um resumo acadêmico interdisciplinar sobre o livro “A língua de Eulália” de Marcos Bagno, e dadas as orientações sobre estrutura e conteúdo.

A LÍNGUA DE EULÁLIA: O OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO.

Lucas dos Santos Costa

A língua de Eulália reúne de forma fácil de serem entendidos, os fenômenos da linguagem ao olhar deslumbrante da Sociolinguística. Sendo uma novela, apresenta problemáticas. A partir dessas são dadas explicações lógico-científicas para o que pode ser tido como erro no português falado.

É composto por 215 páginas em 21 capítulos. Escrito em 3ª pessoa, tem um narrador observador e as personagens têm falas na maior parte dele.

Marcos Bagno, o autor, há tempos se envolve na causa em reversão ao preconceito linguístico proferindo palestras e buscando conscientização. Escreveu diversos livros incluindo infantis, juvenis e de contos. Um de seus livros foi distribuído pelo Ministério da Educação nas escolas públicas. O mestre em linguística afirma: “o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado” [...]” (BAGNO, 1999, p.12).

Três jovens acadêmicas que moram em São Paulo e já dão aulas, estão de férias. A observadora Sílvia cursa psicologia; a irreverente Emília, pedagogia e a sensata Vera, Letras. Elas viajam para Atibaia, para a casa da tia de Vera, a professora aposentada Irene Amaggio, que é linguista. Ela faz um belo trabalho social ensinando para adultos a leitura e a escrita em seu sítio. Eulália que trabalha na casa dela foi alfabetizada lá, quando seu filho Ângelo, (o taxista que levou as jovens da rodoviária à casa de Irene) era ainda pequeno.

A personagem central cujo nome está no título, pronuncia as palavras de acordo com as variedades que compõem sua língua: sua cultura, idade, classe econômica, nível de instrução, lugar onde mora e morou, gênero sexual, entre outras. Como foi alfabetizada adulta, ela ainda emprega sua língua materna que é uma variedade não-padrão. É inteligente e sabe ensinar bastantes remédios caseiros com ervas medicinais, sendo também uma ótima cozinheira e conselheira. Foi ao alfabetizá-la, que Irene decidiu refletir nos conhecimentos

linguísticos sobre o português padrão e não-padrão e os problemas sociais envolvidos.

Emília e Sílvia a princípio comentam com críticas sobre a fala da doméstica. Irene que está escrevendo um livro convida então as jovens para assistirem aulas sobre fenômenos linguísticos que não ocorrem somente no português. Entre elas a amizade só cresce.

As aulas são ricas em análises literárias com utilização de referências e citações, entre elas, a letra da canção Cuitelinho na voz de Nara Leão, versos de Os Lusíadas de Camões e o poema Malinculia de Antonino Sales.

Ao analisarem as obras são apresentados os fenômenos: “eliminação das marcas de plural redundantes” (Bagno, 2006, p. 47) na concordância de número; assimilação, “[...] força que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes. Às vezes ela consegue fazer isso. Outras vezes, só consegue pela metade” (Bagno, 2006, p. 76); arcaísmo, que ocorre quando características de termos que já foram da norma padrão no latim são usadas em termos no português não-padrão e hoje são considerados errados; e muitos outros.

Ao término do pequeno curso, as jovens se despedem com muito afeto de Irene, que finaliza a escrita de seu livro e o intitula ‘A língua de Eulália’, dando a ideia de que ela escreveu o livro aqui analisado e fazendo uma surpresa pra Eulália que estando com seus netos aproximam para despedir. O nome Eulália significa ‘a que fala bem’, em grego.

A obra desmistifica a afirmação de que no Brasil só se fala uma língua e revela que nenhuma língua é estável. Descreve que aqui se fala variedades do português e algumas são consideradas da norma-padrão por ordens sociais, econômicas e culturais; sobre esse grave problema explica Gnerre (1998, p.6-7): “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. A norma padrão é tida como oficial falada “pelas pessoas que detêm o poder e estão nas classes sociais mais privilegiadas” (BAGNO, 2006, p. 27). As variedades que aí não se encaixam são da norma não-padrão. Os que falam por certas variedades dessa norma, (como exemplo: Eulália), são infelizmente taxados como intelectualmente inferiores, por ideias pré-concebidas e nisso baseia-se a discriminação.

É descrito que entre países também existe o preconceito linguístico:

“Os portugueses dizem que os brasileiros falam um português “errado”. Os franceses dizem que os belgas e suíços falam um francês “feio”. Os ingleses acusam os norte-americanos de “deturparem” a língua de Shakespeare. Os espanhóis dizem que os latino-americanos falam um castelhano “viciado”” (BAGNO, 2006, p. 32-33).

A língua varia de região pra região, diatopicamente, e no tempo, diacronicamente.

Bagno (2006) revela no livro que a norma padrão é estabelecida por um processo de constituição, com análise de gramáticos e dicionaristas. A Academia de Letras propõe a ortografia oficial, imposta por decreto-lei governamental. Isso ocorreu na Nova Zelândia onde o idioma mais falado é o inglês implantado por colonização. Lá, os habitantes mais antigos,

os *maoris* têm recuperado sua cultura e a língua maori se tornou uma das oficiais.

É aberta uma discussão em relação ao uso da gramática normativa na escola. Em prol de melhoras no uso dela é preciso, segundo Neves (2003, p. 85):

[...] respeitar a natureza da linguagem, sempre ativada para a produção de sentidos, o que se opera nesse jogo entre restrições e escolhas que equilibra o sistema. Para responder a essa necessidade de equilíbrio, a língua é dinâmica e variável, é um sistema adaptável, sempre em acomodação, de tal modo que só na sua face sociocultural se poderá admitir a existência de moldes e modelos. Assim, a gramática de uma língua não pode ser oferecida como camisa-de-força, primeiro mapeada para depois ser recheada de exemplos [...]

O português-padrão deve ser ensinado para ser ferramenta no conflito contra as desigualdades sociais, sendo mister ao sucesso acadêmico e profissional do aluno pobre, que geralmente é rejeitado ao ser visto como deficiente linguístico.

Consoante Bagno (2006) em explicações dadas por Irene, em cada país pode ser usado um elemento decisivo para classificar variedades linguísticas entre padrão e não-padrão. No Brasil costuma ser o nível escolar; nos Estados Unidos, a cor da pele; no Japão, o gênero sexual e na Inglaterra, a classe social, sendo lá a norma padrão chamada de inglês da Rainha, havendo grande ligação entre a língua e o poder político.

Ao final, ele afirma que foi a leitura de um texto do sociolinguista norte-americano William Labov chamado: *The Logic of Non-standard English* (A lógica do inglês não-padrão), de 1969, que o inspirou a escrever este livro em 1997.

Considera-se o preconceito linguístico gravíssimo, pois os que são discriminados perdem a liberdade de viver em sociedade se sentindo bem. O local onde não se deve incentivar esse preconceito deve ser a escola, sendo o ensino da gramática normativa de forma que não inferiorize as variações linguísticas da norma não-padrão. A discussão trazida pela obra é benéfica e demonstra preocupação com a necessidade de solução.

Referências:

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. 15.ed. São Paulo: Contexto, 2006. 215 p.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico** — o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 186 p.
- GNERRE, Maurício. **Linguagem, escrita e poder**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática ensinar na escola?** São Paulo: Contexto, 2003.

OUTRAS ARTES

Thallison Assumpção e Daniela Vieira

Como afirma Arlindo Daibert (1995), artista plástico e ensaísta, “palavra e imagem sempre estiveram em contato ao longo da história da pintura ocidental, quer através das legendas e das inscrições da pintura medieval ou do primeiro renascimento; quer de maneira mais sutil e dissimulada, nos títulos que acompanham as pinturas, explicitando, ampliando ou restringindo o poder narrativo das imagens”.

Ao observarmos uma obra não literária como uma pintura ou uma escultura, é possível perceber uma vasta riqueza de detalhes dentro de curto espaço. Não só um curto espaço físico como também um curto espaço de tempo. Quando observamos, por exemplo, uma pintura, logo de início já é possível notar um grande número de detalhes, detalhes estes que seriam trabalhosos, para não dizer impossível, de reproduzir em uma obra verbal como uma poesia.

Lessing (1998, p. 96) afirma que “a pintura é uma arte da imagem, isto é, do espaço, enquanto a poesia é uma arte da linguagem, isto é, do tempo. A pintura e a poesia são, portanto, submetidas a determinações específicas. O que o poeta pode contar nem sempre pode ser mostrado pelo pintor”.



Michelangelo: A criação de Adão. Capela Sistina

Sob a mesma perspectiva do assunto, o poeta português, Almeida Garret (1904, p. 27) considera que “a poesia animada da pintura exprime a natureza toda; a dos versos, porém, menos viva e exata, falha em muita parte na expressão de suas belezas.” Garrett questiona: “Que poeta poderia dar uma ideia de Rômulo como David no seu quadro das Sabinas? Que versos nos poderiam fazer imaginar a Divindade como a Transfiguração de Rafael? Que poema nos faria conceber a majestade dum Deus criador dando forma ao caos, e ser

ao universo, como a pintura de Miguel Ângelo?”

O autor cita três obras muito conhecidas que são A Intervenção das Sabinas, de Jacques-Louis David; A Transfiguração, de Rafael Sanzio e A Criação de Adão, de Michelangelo Buonarroti deixando ainda uma brecha para o leitor refletir sobre como seria difícil termos um entendimento tão preciso sobre os acontecimentos ilustrados nas pinturas se fôssemos ler, por exemplo, um poema, evidenciando isso nos fragmentos “que poeta poderia [...]” “que versos nos seriam [...]” e “que poema nos faria [...]” expostos no início de cada interrogação deixada por Garret. Esses fragmentos remetem à ideia de impossibilidade de encontrarmos a mesma abundância de traços que encontramos nas pinturas em uma obra verbal. Essa ideia também é explícita na frase de Confúcio “Uma imagem vale mais que mil palavras”.

A pintura assim como a poesia são artes que demonstram sentimento, emoções, a realidade vivida, imaginada ou idealizada, procurando explicitar algo momentâneo do autor.

Para Winsatt Jr. o poema se assemelha a um quadro, que muitas vezes poderá ser considerado uma poesia muda, deste modo a poesia é um quadro falante (BROOK, 1971p320). Portanto as duas andam juntas, cada uma com suas particularidades, e admirada por determinado público.

A pintura dá vida à poesia em forma de imagem e a poesia dá vida à pintura em forma de letras. Demonstrando como a arte mescla-se uma com a outra.

AQUARELA



Nus - François Martin Kavel
(França, 1861-1931)

*Mulheres sólidas passeiam no jardim molhado de chuva,
o mundo parece que nasceu agora,
mulheres grandes, de coxas largas, de ancas largas,
talhadas para se unirem a homens fortes.*

*A montanha lavada inaugura toaletes novas
pra namorar o sol, garotos jogam bola.
A baía arfa, esperando repórteres...*

*Homens distraídos atropelam automóveis,
acácias enfiam chalés pensativos pra dentro das ruas,
meninas de seios estourando esperam o namorado na janela,*

estão vestidas só com um blusa, cabelos lustrosos

*saídos do banho e pensam longamente na forma
do vestido de noiva: que pena não ter decote!*

*Arrastarão solenemente a cauda do vestido
até a alcova toda azul, que finura!
A noite grande encherá o espaço
e os corpos decotados se multiplicarão em outros.*

Murilo Mendes, poeta mineiro (1901-1975), Escreveu aos 24 anos, na publicação Antropofagia. Tinha um estilo barroco e surrealista.

CAPOEIRA

Capoeira criada pelo escravo,
por esse homem batalhador e bravo,
que superou a maldade e a opressão,
com muita luta e determinação.

Ao chegar ao Brasil, ele sentiu a necessidade,
precisava desenvolver uma forma de proteção,
uma arte marcial disfarçada surgiu,
a partir dessa ideia a capoeira nasceu então.

Essa prática era realizada em terreiro,
os praticantes movimentavam o corpo inteiro,
movimentos de uma luta adaptada,
sons provindos de tambor e berimbau embalava.

Esse movimento transformou-se em cultura,
que por muitos brasileiros é praticada e admirada,
esta arte tão bonita de um povo escravizado,
faz sonhar e da mente não será tirada.



NO ENTARDECER DOS DIAS DE VERÃO

Foto: Tallison Assunção

No entardecer dos dias de Verão, às vezes,
Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa...
Mas as árvores permanecem imóveis
Em todas as folhas das suas folhas
E os nossos sentidos tiveram uma ilusão,
Tiveram a ilusão do que lhes agradaria...
Ah, os sentidos, os doentes que veem e ouvem!
Fôssemos nós como devíamos ser
E não haveria em nós necessidade de ilusão...
Bastar-nos-ia sentir com clareza e vida
E nem repararmos para que há sentidos ...
Mas graças a Deus que há imperfeição no Mundo
Porque a imperfeição é uma coisa,
E haver gente que erra é original,
E haver gente doente torna o Mundo engraçado.
Se não houvesse imperfeição, havia uma coisa a menos,
E deve haver muita coisa Para termos muito que ver e ouvir ...



- *Fernando Pessoa / Alberto Caeiro* -

Para Refletir:

“A palavra é metade de quem a pronuncia e metade de quem a escuta.” (Montaigne, 1533-1592, filósofo francês.)

“Para se andar mil léguas é preciso dar o primeiro passo”. Provérbio chinês.

RESSACA DE LEITURA

UMA BREVE VISITA AO GATO VISITADOR

Por Wellitania Oliveira

Vinda do outro lado do mar chegou a minhas mãos uma caixa cheia de livros. No meio dos livros “O Gato Visitador”, não um gato qualquer, mas o gato que acompanha o poeta Carlos Alberto Machado. Um gato atrevido, de ideias formadas e, ao mesmo tempo, submisso à pena do poeta.

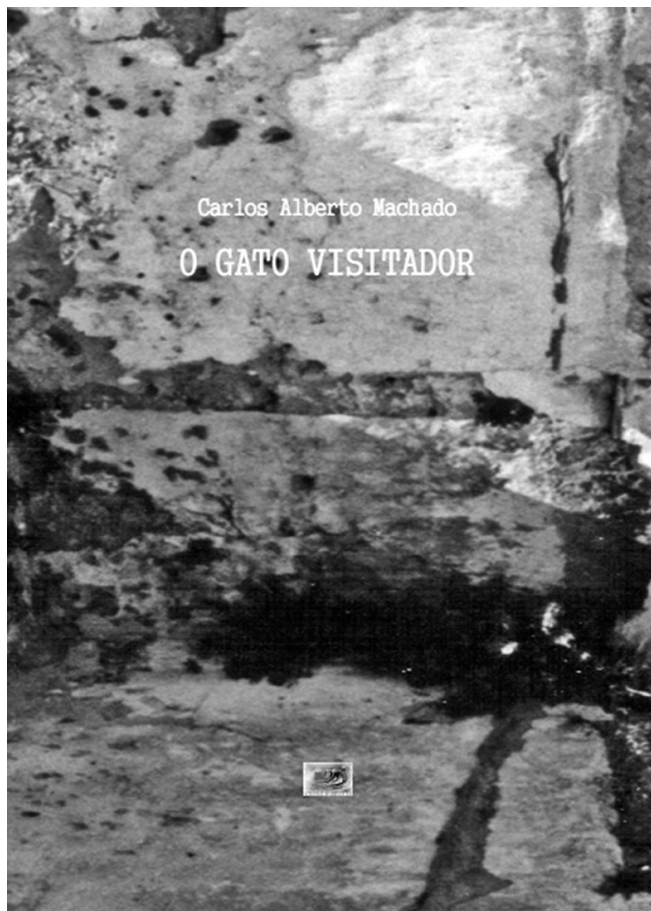
A escritora Roseana Kligerman Murray disse certa vez que “Gatos são poemas ambulantes”, por não entender muito de gatos, não percebi, no momento, o significado desta frase, mas ao ler os poemas de Machado, tive uma clarividência do que ela podia representar.

Não quero aqui explicar a poética de Carlos Alberto Machado, da mesma forma que ele (o poeta) também não tem por que justificar sua criação. Quando muito, podemos sentar à mesa com os amigos e teorizar, ou revelar aspectos e intenções implícitos em seu processo criativo. Por isso, atrevo-me a tecer alguns comentários sobre o gato acompanhante do referido autor.

Minha primeira impressão se pauta ao apego ou caráter substantivo dos poemas, note-se como o poeta intitula e inicia seus versos: “O gato visitador”, “O homem”, “o artesão”, “a chuva”, “os musgos”, “o rapaz”, “o cavalo”, “um dia”, “ancoradouro”, “torre”... É óbvio que todos esses nomes servem de referência para o tema que Machado propôs trabalhar em sua escrita, que desencadeou a metalinguagem literária.

Machado compõe uma poesia de dicção prosaica acompanhada de imagens concretas e pouca abstração, também explicitando, as metáforas que fazem parte do texto, *“como palavras implodidas de um ventre-mudo / alinhadas nos veios do acaso / usou-se em corpos e viagens / e procurou o conhecimento / das formas inventadas”* (p.08).

Sua escrita se movimenta livremente em direção a uma estrutura pouco convencional, dotada de um pragmatismo que reflete o desenvolvimento de uma poesia subjetiva com



foco no poeta, ou na própria poesia. A forma como expõe o processo criativo, seduz o leitor a “viajar” com ele em seu devaneio, pois *“esta é desde sempre a sua demanda / agora aferroada a uma luz nova / um sagrado inviolável / é bom que o gato visitador o saiba / cada jornada pode matar a seguinte / num feixe de sucessivas passagens / pequenas mortes daquele que escreve/ abolição / completude / queres que te acompanhe / pergunta o gato visitador”* (p.07).

É compreensível que o poeta, ao pressentir a chegada do Gato visitador, se tenha colocado frente a frente com o passado e com fatos que marcaram sua existência e que, ainda, permanecem vivos em sua memória, os quais também lhe servem de pretexto para escrever. O poeta lembra que, *“há muito tempo o artesão era um homem / simples habitado por um outro homem / e por uma criança”, mas depois de adquirir algum conhecimento, “renasceu depois / o homem / artesão / e assim é”* (p.08).

Desta forma, defende um novo conceito de criação, uma criação temática, não formal, na qual o criador tem liberdade para compor o poema com o seu próprio vocabulário e estilo. Talvez o objetivo do poeta seja, unicamente, encontrar um caminho que o leve a novas descobertas, ou a superação do seu próprio estilo, por meio do reencontro consigo mesmo, *“afinal é um artesão / e escreve”* (p. 09).

É importante ressaltar que, nem sempre a escrita é prazerosa para quem faz da arte um ofício; em sempre as palavras são ternas e amorosas; nem sempre os pensamentos são solidários às mãos que tecem o texto; nem sempre os desejos se transformam em realidade. Por isso, em determinado momento, percebe-se o poeta irritado com sua prática, o tom de suas palavras mostra a inquietação e o desejo de mudar: *“Já tinha decidido há muito abandonar esse expediente retórico / mas a uma recaída qualquer um está sujeito / afinal o que falhou aqui ou aqui está errado / é preciso voltar a dizer tudo de novo?”* (p.22), mas como abandonar a poesia, se a poesia está em sua alma desde o início de sua existência?

A tendência de voltar à meninice, quando se alcança a maturidade, é inevitável aos poetas, é muito mais generalizada do que parece, e esta obsessão está enraizada em alguns com mais intensidade. Em relação a Machado, este pratica o exercício de criar uma dimensão arbitrária da própria realidade. Assim, *“o homem é de novo menino e corre pelas ruas de basalto negro / e à noite recolhe-se no baldio com trapos e sucatas e raízes podres”* (p.23). Para o ser poeta, o sonho, ou a realidade não é uma questão de forma, mas uma questão de conteúdo, de argumento. Por isso, o poeta está sempre regressando, seja a um tempo pretérito, seja a um tempo presente, *“e é menino ainda quando acorda / abre muito os olhos / como se pudesse ver o futuro / mas não vê”* (idem), o retorno à realidade é inevitável, como é inevitável o amor na vida de um poeta, certo de que *“há-de voltar sempre à pele dessa mulher / tacto cheiro sabor luminosidade temperatura cor adormecimento”* (p.21).

Ao evadir-se da realidade, o poeta mergulha no próprio sentimento, recupera memórias remotas e lembranças recentes, para lançar um olhar sobre si mesmo, e *“o artesão pára a meio caminho e pede licença para chorar / chora e depois fica a meditar no que está antes*

e depois / das lágrimas que gastou e sobre as que no futuro gastarão por si". Assim, *"após muito meditar decide-se pelo não regresso aos enigmas"* (p. 24), e uma aura de otimismo debruça-se sobre ele e se enche de coragem para ir até o final do sonho e da vida real.

Ao longo do texto, Machado dá continuidade ao que já conhecemos da sua escrita, confiante de que *"o gato fingidor / perdão / visitador"* estará sempre por perto, bem enraizado no seu âmago, consciente dos caminhos que ainda tem que trilhar com sua pena de sonho e realidade.

Finalmente, Machado consegue, com extraordinário mérito e sem muito esforço, o desvelo de conceber um texto singular *"na companhia de oculto gato ouvidor o artesão / a tecer um texto raiado de onde se pode segurar ou perder / uma ponta / quem queira / eis o logro onde todos podem ter a ilusão de tecerem e serem / tecidos"* (p.28).

MACHADO, Carlos Alberto. O Gato Visitador. Nazaré – Pt. Editora Volta d'mar, 2013.

Carlos Alberto Machado é poeta português, nascido em Lisboa. É escritor, teatrólogo, e professor. Atualmente vive nas Lajes do Pico (Açores). Tem vários livros publicados - ensaio, teatro, poesia e ficção, tais como: Hipopótamos em Delagoa Bay (romance), O Gato Visitador (poesia), As Regras do Jogo (ensaio), 5 Cervejas para o Virgílio (teatro), Estórias Açorianas (contos).



PRODUÇÕES INDEPENDENTES

